Boletim Conjuntural Semana 47/2026 – 19 de novembro de 2026

SOJA 2
TOMATE.....2
LEITE.....3
FRANGO 4
SUÍNOS.....5

O Boletim Conjuntural desta semana reúne análises sobre a dinâmica de preços em algumas cadeias produtivas do Paraná.

Chama a atenção da população nesse momento a cultura do tomate, cujas cotações dispararam no campo, no atacado e nas gôndolas do varejo em razão das chuvas excessivas provocadas pelo fenômeno El Niño. O volume pluviométrico acima da média comprometeu a qualidade e a quantidade dos frutos, o que pressionou fortemente os valores ao consumidor, cenário este que mantém o setor em alerta diante da previsão de continuidade desse regime climático nos próximos meses.

Na outra ponta da agricultura, o panorama é de alívio operacional e valorização comercial para a soja. A melhora nas condições do tempo nas últimas semanas permitiu acelerar o plantio e favoreceu o vigor das lavouras já instaladas. No mercado, a recente desvalorização do real frente ao dólar impulsionou os preços internos da oleaginosa aos maiores patamares nominais desde 2023, favorecendo a rentabilidade do produtor que já havia adquirido insumos anteriormente e criando um ambiente propício à redução da inadimplência rural.

Essa mesma valorização dos grãos, contudo, acende um sinal de alerta para as cadeias de proteína animal. Na avicultura e na suinocultura, a pressão exercida pelos custos de alimentação deteriorou o poder de compra dos criadores. Mesmo com uma leve reação recente nas cotações recebidas pela venda dos animais vivos, os produtores seguem enfrentando relações de troca desfavoráveis e margens comprimidas pelo encarecimento da nutrição.

Por fim, o movimento na pecuária leiteira segue trajetória inversa. A maior disponibilidade de pastagens nesta época reduz a dependência de suplementação, estimula a produção e amplia a oferta no estado, pressionando para baixo tanto os preços recebidos pelo produtor quanto os valores praticados no atacado para o leite longa vida.

Boa leitura!

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

SOJA

Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho

As duas últimas semanas foram marcadas por uma melhora expressiva nas condições do tempo em todo o Paraná, configurando um cenário bastante favorável aos produtores. Após períodos de instabilidade que limitavam a entrada de maquinários em diversas regiões, a estabilização meteorológica permitiu tanto o avanço acelerado dos trabalhos de campo quanto um melhor desenvolvimento vegetativo das lavouras já instaladas. Além da intensificação dos manejos de pós-emergência e tratos culturais, a semeadura da soja evoluiu de 79% para 89% da área estimada, com as áreas emergidas apresentando bom vigor e adequado suprimento hídrico no solo.

Adicionalmente ao bom momento climático no campo, o cenário de mercado também trouxe boas notícias ao setor produtivo. Os preços médios recebidos pelos agricultores paranaenses voltaram a superar a casa dos R$ 140,00 por saca de 60 kg nos últimos registros do Sima (Sistema de Informações de Mercado Agrícola), ultrapassando os valores alcançados no início de outubro e atingindo os maiores patamares nominais desde abril de 2023. Contribuíram decisivamente para essa alta a recente desvalorização do real frente ao dólar, movimento que mais do que compensou a desvalorização observada nos contratos futuros da soja na Bolsa de Chicago (CBOT) desde setembro.

Essa desvalorização cambial atípica pode favorecer as margens dos produtores, visto que grande parte dos insumos já foi negociada em meses anteriores, com preços favorecidos por um real mais forte. Essa situação, somada à definição e recente aprovação da Medida Provisória nº 1.376/2026 — que estabelece as regras para a renegociação das dívidas rurais —, cria um ambiente propício para a redução da inadimplência no campo.

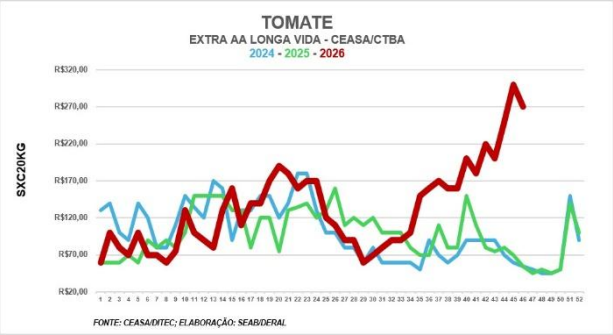
TOMATE

Eng. Agrônomo Paulo F. de Souza Andrade

Os tomates de primeira safra 2026/2027 estão presentes em uma área de 2,5 mil hectares (ha) e se encontram com aproximadamente 75% plantados e entrando nesta época em início de colheita, a produção estimada até o momento é de 177,3 mil toneladas (t), e um rendimento médio projetado em 70,7 t/ha. Esta superfície cultivada é 2,7% maior que na safra anterior que foi de 2,4 mil ha.

Na parcial de novembro/26 o agricultor recebeu R$ 242,42/cx23kg (R$ 10,54/kg) frente aos R$ 147,58/cx23kg (R$ 6,42/kg) de outubro último, uma alta significativa de 64,3% no mês, porém este preço aparentemente remunerador não considera as perdas em quantidade e qualidade dos frutos que as lavouras estão subjugadas pelo excesso de chuvas. Deve-se observar também a lixiviação dos fertilizantes e outros insumos além dos danos nos acessos e na infraestrutura das propriedades rurais.

No atacado – Centrais de Abastecimento do Paraná, entreposto Curitiba - os preços da caixa de 20kg do tomate extra AA longa vida arrefeceram nesta semana, sendo cotados a R$ 270,00 (R$ 13,50/kg) enquanto na semana anterior foi de R$ 300,00 (R$ 15,00), uma redução de 10,0%, enquanto foi 22,7% superior aos R$ R$ 220,00 do mesmo período de outubro/26 e 390,0% a mais dos valores praticados em novembro de 2025 quando a mesma caixa de 20kg foi comercializada a R$ 55,00 (R$ 2,75/kg).



Nas gôndolas do varejo a hortaliça-fruto foi comercializada a R$ 11,48/kg no mês passado, 8,9% acima do efetivado em set/26 cujo preço foi de R$ 10,54/kg e 60,5% superior ao mês de agosto último quando foi vendido a um valor nominal de R$ 7,15/kg.

Os preços elevados do tomate são influência direta do regime pluviométrico atual, onde as chuvas estão muito acima das médias históricas influenciado pelo fenômeno El Niño, cuja expectativa era de um arrefecimento para dezembro agora, no entanto as entidades climatológicas indicam que o mesmo deva se estender até fevereiro de 2027, o que gera uma apreensão no campo.

LEITE

Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva

O preço recebido pelo produtor paranaense pelo litro de leite entregue à indústria recuou 1,33% na última semana, atingindo R$ 2,76, conforme levantamento de Preços Pagos ao Produtor, realizado pelo Deral. No atacado, o leite longa vida integral também apresentou queda, com cotação média de R$ 4,74 (-1,52%). Já a muçarela permaneceu praticamente estável, passando de R$ 33,91 para R$ 34,05.

A maior disponibilidade de pastagens nesta época do ano favorece a redução dos

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

custos com alimentação e estimula a produção leiteira, contribuindo para ampliar a oferta e pressionar as cotações. Por outro lado, o período chuvoso, marcado pelo excesso de umidade, pode favorecer a ocorrência de mastites, comprometendo a qualidade do leite e a produtividade dos animais.

FRANGO

Méd. Veterinário Roberto Carlos Prazeres de Andrade Silva

O custo de produção do frango de corte vivo no Paraná atingiu R$ 5,04/kg em outubro de 2026, segundo dados da Central de Inteligência de Aves e Suínos (CIAS) da Embrapa Suínos e Aves. O valor — calculado para aviários climatizados em pressão positiva — representa uma alta mensal de 1,61% (+R$ 0,08/kg) frente a setembro, quando estava em R$ 4,96/kg, e um avanço de 10,77% (+R$ 0,49/kg) na comparação com outubro de 2025 (R$ 4,55/kg). Nos demais estados da região Sul, o cenário também foi de pressão: em Santa Catarina, o custo subiu 2,62% no mês, chegando a R$ 5,09/kg, enquanto no Rio Grande do Sul a alta foi de 2,63%, atingindo R$ 5,07/kg.

O Índice de Custos de Produção de Frango (ICPFrango) alcançou 390,09 pontos em outubro (com base em janeiro de 2010 = 100), registrando elevação de 1,62% sobre setembro (383,88 pontos), de 8,30% no acumulado de 2026 e de 10,67% nos últimos 12 meses, quando marcava 352,48 pontos em outubro do ano passado.

Na variação mensal, o avanço foi puxado principalmente pelos gastos com ração (+2,25%), custos de capital (+1,04%), genética (+0,53%) e energia elétrica, calefação e cama (+0,08%), enquanto transporte, sanidade e mão de obra permaneceram estáveis. Já no acumulado do ano, os maiores impactos vieram da sanidade (+35,70%), nutrição (+13,46%), energia elétrica, calefação e cama (+8,63%), transporte (+7,40%) e mão de obra (+5,68%), parcialmente compensados pelas quedas nos custos de capital (-6,43%) e genética (-4,16%).

Na composição detalhada do custo paranaense — que considera um aviário padrão de 1.500 m², peso médio de abate de 2,9 kg, mortalidade de 5,5%, conversão alimentar de 1,7 kg e 6,2 lotes por ano —, a alimentação responde por 64,48% do total, atingindo R$ 3,32/kg em outubro, o que significa alta de 2,15% (+R$ 0,07/kg) frente a setembro (R$ 3,25/kg) e avanço de 15,68% (+R$ 0,45/kg) sobre outubro de 2025 (R$ 2,87/kg). A genética, referente à aquisição de pintainhos de um dia e com peso de 18,51%

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

sobre o ICPFrango, apresentou alta de 1,25% no acumulado de 12 meses.

Com a recuperação mensal de 3,37% (+R$ 0,16/kg) na cotação estadual, o preço nominal médio do frango vivo pago ao produtor no Paraná fechou outubro em R$ 4,91/kg, contra R$ 4,75/kg em setembro. No entanto, na comparação anual, o valor atual ainda está 4,29% abaixo (-R$ 0,22/kg) dos R$ 5,13/kg praticados em outubro de 2025. Além disso, o custo atual de R$ 5,04/kg superou em 2,44% (+R$ 0,12/kg) o preço médio recebido pelos produtores ao longo de todo o ano passado (R$ 4,92/kg).

Mesmo assim, o avicultor paranaense operou no vermelho em outubro, recebendo 2,58% (R$ 0,13/kg) a menos do que o necessário para cobrir o custo total de produção da ave viva. Essa compressão na rentabilidade da avicultura de corte explica-se pelo encarecimento anual dos principais insumos nutricionais no atacado paranaense, segundo levantamento da SEAB/DERAL.

Embora a saca de 60 kg do milho tenha recuado 4,41% (-R$ 2,93) entre setembro (R$ 66,43) e outubro (R$ 63,50), o cereal segue 3,59% (+R$ 2,20) mais caro do que em outubro de 2025 (R$ 61,30/sc), ainda que abaixo da média anual de 2025 (R$ 66,30/sc). Já o farelo de soja subiu 2,10% (+R$ 45,57) no mês, passando de R$ 2.171,40/t em setembro para R$ 2.216,97/t em outubro — valor 30,57% (+R$ 519,97) superior ao registrado em outubro do ano anterior (R$ 1.697,00/t) e bem acima da média nominal de 2025 (R$ 1.841,73/t).

Como consequência dessa disparidade entre o preço da carne e o custo da ração, a relação de troca deteriorou-se significativamente para o produtor em relação ao ano passado. Em outubro de 2026, foram necessários 216 kg de frango vivo para adquirir uma tonelada de milho, contra 199 kg em outubro de 2025, exigindo um volume 8,54% maior de carne.

No caso do farelo de soja, a perda de poder de compra foi ainda mais acentuada: foram precisos 452 kg de frango vivo para comprar uma tonelada do insumo proteico, frente a 331 kg no mesmo período do ano anterior — um acréscimo de 36,56% na quantidade de ave necessária para fechar a conta.

SUÍNOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Prazeres de Andrade Silva

De acordo com a Central de Inteligência de Aves e Suínos (CIAS) da Embrapa Suínos e Aves, o custo de produção do suíno vivo no Paraná atingiu R$ 6,09/kg em outubro de 2026. O valor representa um recuo de 0,65% (-R$ 0,04/kg) em relação a

setembro, quando estava em R$ 6,13/kg, mas acumula alta de 5,55% (+R$ 0,32/kg) na comparação com outubro de 2025, cujo custo foi de R$ 5,77/kg.

Nos demais estados da Região Sul, principais polos produtores do país, os custos também apresentaram acomodação no mês: em Santa Catarina, o valor fechou em R$ 6,51/kg, com retração mensal de 0,61% (-R$ 0,04/kg frente aos R$ 6,55/kg de setembro), enquanto no Rio Grande do Sul houve estabilidade, mantendo-se em R$ 6,74/kg.

No âmbito do Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno), o indicador fechou outubro em 372,39 pontos (base janeiro de 2010 = 100), registrando queda mensal de 0,62% em relação aos 374,73 pontos de setembro. No acumulado de 2026, o índice apresenta variação positiva de 0,46%, enquanto nos últimos 12 meses a elevação é de 2,58% frente aos 363,01 pontos de outubro de 2025.

Na comparação mensal entre setembro e outubro, houve alta nos gastos com genética (+8,14%) e custos de capital (+0,64%), mas recuo nos itens energia elétrica, calefação e cama (-4,21%) e ração (-1,27%), com estabilidade em transporte, sanidade e mão de obra.

Já no acumulado do ano, os maiores impactos vieram da mão de obra (+9,87%), da ração (+2,00%) e de energia elétrica, calefação e cama (+1,97%), compensados parcialmente pelas quedas na genética (-21,70%) e no custo de capital (-6,44%), mantendo-se estáveis transporte e sanidade.

A nutrição segue como o principal componente da atividade, respondendo por 73,76% do ICPSuíno, com alta de 2,00% no ano e de 5,55% nos últimos 12 meses. Enquanto isso, a aquisição de animais para reprodução (genética), que tem peso de 2,11% no índice, recuou 21,70% no ano e 22,34% em 12 meses, e o custo de capital, com peso de 6,88%, caiu 6,44% no ano e 12,65% em 12 meses.

No recorte específico do Paraná, a alimentação representou 70,94% do custo total de produção em outubro, fechando a R$ 4,32/kg — uma redução de 1,37% (-R$ 0,06/kg) sobre setembro (R$ 4,38/kg) e de 3,79% (-R$ 0,17/kg) frente a outubro de 2025 (R$ 4,49/kg).

Pelo lado da receita, segundo levantamento da SEAB/DERAL, o preço nominal médio pago ao suinocultor paranaense em outubro de 2026 foi de R$ 5,53/kg. Embora esse patamar represente um avanço de 6,96% (+R$ 0,36/kg) sobre setembro (R$ 5,17/kg), o valor ainda acumula fortes perdas em períodos mais longos: está 20,32% (-R$ 1,41/kg) abaixo do registrado

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

em janeiro de 2026 (R$ 6,94/kg), 23,41% (-R$ 1,69/kg) menor que em outubro de 2025 (R$ 7,22/kg) e 21,34% (-R$ 1,50/kg) inferior à média anual de 2025, que foi de R$ 7,03/kg.

Como resultado, ao comparar o preço de venda (R$ 5,53/kg) com o custo de produção (R$ 6,09/kg) em outubro, verifica-se que o produtor paranaense operou com margem negativa de 9,20%, acumulando prejuízo de R$ 0,56/kg — cenário oposto ao de 2025, quando o preço médio anual de R$ 7,03/kg superou o custo médio de R$ 6,00/kg.

No mercado atacadista paranaense, os insumos voltados à nutrição animal continuam exigindo atenção. De acordo com a SEAB/DERAL, a saca de 60 kg do milho atingiu R$ 63,50 em outubro de 2026, recuando 4,41% (-R$ 2,93) frente a setembro (R$ 66,43/sc), mas operando 3,59% (+R$ 2,20) acima de outubro de 2025 (R$ 61,30/sc), ainda que abaixo da média anual de 2025 (R$ 66,30/sc). Já o farelo de soja subiu 2,10% (+R$ 45,57) no mês, passando de R$ 2.171,40/tonelada em setembro para R$ 2.216,97/tonelada em outubro — valor 30,57% (+R$ 519,97) superior ao de outubro de 2025 (R$ 1.697,00/tonelada) e bem acima da média de 2025 (R$ 1.841,73/tonelada).

Com os insumos mais caros na comparação anual e os preços do animal depreciados, a relação de troca deteriorou-se significativamente para o produtor: em outubro de 2026, foram necessários 191 kg de suíno vivo para adquirir uma tonelada de milho, contra 142 kg em outubro de 2025 (piora de 34,51%), e 401 kg para comprar uma tonelada de farelo de soja, ante 235 kg no mesmo mês do ano passado (perda de 70,64% no poder de compra).

Diante desse quadro, mesmo com o leve alívio nos custos mensais e a reação parcial das cotações na granja, persistem sérias dificuldades para a rentabilidade da atividade. Segundo agentes do mercado suinícola, o momento atual é marcado pela oscilação dos insumos e por uma pressão significativa da oferta, impulsionada pelo aumento de 6,4% na produção de carne suína no primeiro semestre de 2026, conforme dados do IBGE.

Somam-se a isso o consumo interno lento — afetado pelo endividamento das famílias, pelo poder aquisitivo restrito e pela forte concorrência com a carne de frango — e a dificuldade de escoamento dos produtos processados. Para as próximas semanas, a expectativa do setor é de estabilidade ou tendência altista nos preços ao produtor, sustentada pela demanda típica das festas de fim de ano.

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**